

Futebol Feminino: sobre a formação de jogadoras na periferia da cidade de São Paulo

Mariane da Silva Pisani¹

Introdução

Em 120 anos, contados a partir do retorno de Charles Miller - em 1884 - ao Brasil, o futebol rapidamente se constituiu como esporte de preferência nacional. É uma modalidade que desperta sentimentos ambíguos em seus espectadores: se para alguns o futebol é vivido como uma paixão compartilhada entre torcedores (TOLEDO, 1996; MURAD, 2012) e é considerado como um modo de vida legítimo para a rápida ascensão social e prestígio (RIAL, 2008, 2009) – vide o sonho de muitos meninos em tornarem-se jogadores de futebol; para outros, é considerado o “ópio do povo”, pois diz-se ter entorpecido os sentidos dos cidadãos diante de situações como a ditadura brasileira (1964-1985), e, atualmente, estaria desviando esvia o foco do povo de outras questões políticas.

Muito se fala e se discute sobre o futebol. No ano da 20ª Copa do Mundo de Futebol, sediada pela segunda vez no país, todos os holofotes estão voltados massivamente para a modalidade. Além disso, em uma rápida visita a uma livraria qualquer, veremos seções inteiramente dedicadas à produção bibliográfica sobre o esporte. Das grandes transações multimilionárias de jogadores (DAMO, 2007, 2008) aos jogos de várzea em recônditos bairros brasileiros, nada escapa aos olhos atentos de pesquisadores, jornalista e cronistas (FERREIRA ANTUNES, 2004).

Apesar da rápida massificação futebolística e da ampla repercussão da modalidade no Brasil, o público para o qual essa prática se destinava inicialmente era bastante restrito. Os negros e os pobres foram proibidos de jogar futebol até meados da década de 1930, quando o esporte tornou-se profissional em nosso país e as distinções de cor e classe já não eram mais relevantes para contratação de atletas (RODRIGUES, 1964). As mulheres brasileiras, contudo, não podiam jogar até o final da década de

1 Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. marianepisani@gmail.com

1970, havendo inclusive um Decreto-Lei² que as impedia de entrar em campo (FRANZINI, 2005).

Apenas trinta e cinco anos se passaram desde que o futebol feminino se estabeleceu como uma modalidade esportiva no Brasil. O campeonato de nível nacional, entre interrupções e continuidades, tem um pouco mais de 24 anos desde a sua primeira edição. A Copa do Mundo de Futebol Feminino, com seis edições realizadas entre os anos de 1991 e 2011, não foi sediada nenhuma vez no Brasil, apesar de ser a única brasileira atleta vencedora cinco vezes do prêmio de Melhor Jogadora do Mundo da FIFA³, feito que nenhum jogador homem jamais conquistou.

É nesse cenário que minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social se insere. Ao longo dos últimos quatro anos, acompanho grupos de jogadoras de futebol pelo país e percebi que o estado brasileiro que mais possui times, e por consequência mais atletas, é São Paulo. Jogadoras do Sul e do Norte do país saem de suas terras natais em busca de melhores oportunidades na carreira e os times do estado paulista são eleitos como os melhores lugares para aprender e se dedicar ao ofício da bola (PISANI, 2012).

Contudo, ainda paira no senso comum a ideia de que o Futebol Feminino é uma prática esportiva amadora e que não se configura como uma profissão. Os argumentos que sustentam essa posição são recorrentes e provêm de lugares variados. Alguns profissionais, especialistas e torcedores do meio futebolístico (TOLEDO, 2002) declaram que o aparente descompromisso das atletas, a fraca visibilidade radio-televisiva e os escassos investimentos financeiros impedem e atrasam o desenvolvimento profissional da modalidade. Dessa forma, a superficial percepção que se tem sobre o amadorismo do Futebol Feminino faz com que o mesmo permaneça relegado a segundo plano, seja no cenário desportivo, jornalístico ou acadêmico brasileiro.

A partir das primeiras incursões etnográficas realizadas na cidade de São Paulo, entre julho de 2013 e março de 2014, levanto algumas reflexões que ajudam a pensar a

2 Decreto-Lei nº 3.199, do dia 14 de abril de 1941: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

3Marta Vieira da Silva, atacante da Seleção Brasileira, foi indicada e eleita como melhor jogadora de futebol do mundo nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010.

formação de jogadoras de futebol da periferia e do centro e como a tensão resultante entre as categorias *profissional* e *amador* se configura. Detenho-me aqui em um grupo de jogadoras da zona leste de São Paulo e trago uma breve apresentação do bairro, do time e dessas atletas que venho acompanhando mais ostensivamente nesse momento – março, abril e maio de 2014 -; posteriormente narro um dos dias passados ao lado delas⁴. A escolha desse relato está orientada pela possibilidade de, a partir da observação participante, problematizar os conceitos profissional e amador no Futebol Feminino. Relembro, contudo, que a etnografia aqui apresentada encontra-se em fase inicial, por isso as reflexões e as categorias apontadas estão passíveis de mudanças, bem como abertas para discussão, contestações e reformulações.

Guaianases: a perspectiva de um bairro

Uma hora e trinta minutos é o que separa o Bairro Butantã na Zona Oeste, onde moro, do bairro Guaianases na Zona Leste, onde moram as jogadoras que acompanho diariamente. O trajeto que realizo para chegar a Guaianases, todos os finais de semana desde março de 2014, compreende um longo percurso. Primeiramente tomo um ônibus e em aproximadamente vinte minutos chego à Linha 4 Amarela do Metrô, percorro-a em toda sua extensão até chegar à Estação da Luz. Metade do caminho já está realizado e, agora, apenas 40 minutos – que são feitos no trem da CPTM, Linha 11 Coral - me separam das jogadoras.

4 Os nome das atletas e do time foram preservados nesse texto, uma vez que a pesquisa encontra-se em fase inicial.

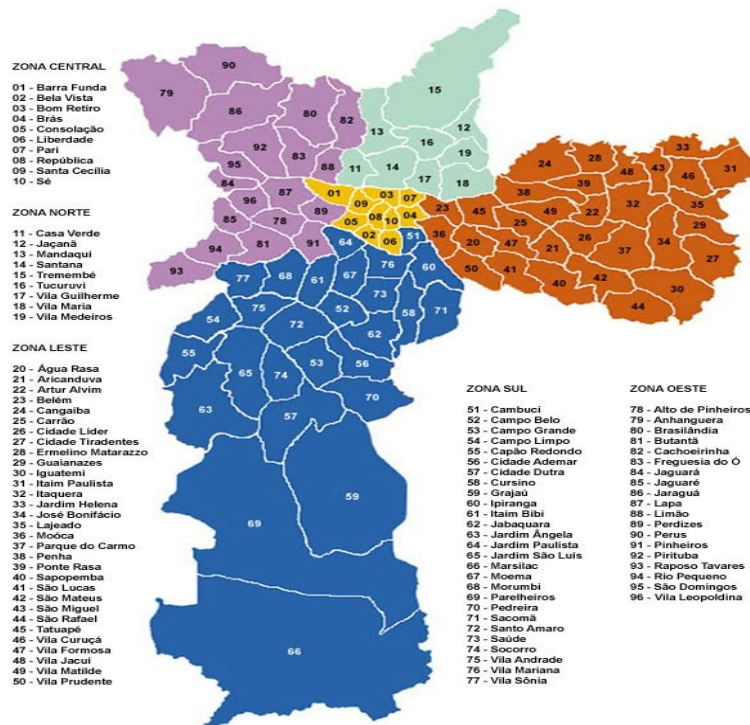


Figura 1: Mapa dos bairros de São Paulo. Butantã, na Zona Oeste, está assinalado pelo número 81. Guaianases, Zona Leste, é o número 29 do mapa.

Guaianases, e o Bairro Lajeado formam uma das 31 subprefeituras da cidade de São Paulo. Os dois bairros, juntos, possuem aproximadamente 300 mil habitantes e segundo as pesquisas publicadas em 2004, pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Universidade de São Paulo (USP), a região é considerada de extrema vulnerabilidade. Ainda segundo as publicações do CEM, a vulnerabilidade social pode ser definida como uma combinação entre elementos de privação socioeconômica – como baixos níveis de renda e escolaridade - e características demográficas das famílias – como a presença de muitas crianças, idosos e mulheres chefes de família.

Inaugurado no bairro próximo à estação de trem, está o lugar onde as jogadoras treinam diariamente. A equipe existe desde 2005, e foi fundada por Ana⁵ que atua como técnica e jogadora de futebol na equipe, ela é a principal personagem desse universo. Segundo Ana, ao criar a equipe, o intuito era o de realizar um trabalho social com mulheres da periferia sem nunca, contudo, almejar a profissionalização no futebol, uma vez que ela mesma acredita que o Futebol Feminino no Brasil nunca será uma prática esportiva profissional. Dessa forma, vinte e quatro atletas estão sob o seu comando e disputam, ao longo do ano, alguns campeonatos. Atualmente – abril de 2014 – elas estão participando campeonato organizado pela Prefeitura de São Paulo. As jogadoras treinam diariamente às terças, quintas-feiras e sábados. Atrás dos

5 Nome trocado para preservar a identidade da atleta.

campos de futebol, separado por um rio, fica a comunidade onde a maior parte das atletas mora desde criança.



Figura 2: Jogadoras da equipe em amistoso com meninos.

Muitas dificuldades são enfrentadas diariamente para que o time e suas atletas consigam dar continuidade aos seus trabalhos, como por exemplo: a falta de patrocínio, a ausência de material esportivo adequado para treinos e competições, a inexistência de divisão específica de treinos e jogos de acordo com as idades das atletas: adolescente de 15 anos treinam e jogam ao lado de mulheres adultas, idades entre 20 e 45 anos. Além disso, existe um problema nos dias de jogos que diz respeito ao meio de transporte. Na van escolar que disponibilizam e onde, por questão de segurança, apenas 19 pessoas poderiam viajar, 25 jogadoras, algumas torcedoras, o massagista – amigo pessoal da Ana e de outras atletas – e, recentemente, eu, viajamos até o local da competição.

Apesar das dificuldades enfrentadas diariamente no âmbito esportivo, as atletas não esmorecem. Consideram-se uma família e buscam umas nas outras o suporte necessário para superar os problemas – existem também fora das quadras. À medida que a pesquisa avança e minha proximidade com elas aumenta, essas mulheres vão compartilhando histórias pessoais. Mesmo quando não estão em campo treinando ou disputando jogos, fazem questão de se encontrar pessoalmente todos os dias. Além da proximidade física, mantem-se conectadas diariamente – quase que 24h - por redes sociais de mensagens instantâneas como o *Whatsapp* e o *Facebook*. Fica claro, portanto, que para além das relações esportivas e de compromisso com o time, existe o forte laço afetivo entre elas.

Mesmo com o pouco tempo de observação participante pude notar que essas jogadoras compartilham uma série de categorias que vão além da prática futebolística e que serão devidamente trabalhadas em outro momento da etnografia: elas são mulheres, negras, jovens e de baixa classe econômica.

Guaianases x Santana

No dia 06 de abril de 2014, acompanhei o jogo de estreia da equipe de Guaianases na competição organizada pela Prefeitura de São Paulo. Ao chegar na zona leste, no local de treino das jogadoras, Ana e eu iniciamos uma conversa. Ela disse que em virtude de serem muitas as meninas que acompanhavam as jogadoras, aproveitaria a situação para arrecadar a quantia de dez reais – de cada uma - para ajudar na compra de produtos para o time (sprays de massagem, bola, coletes, materiais). Em tom de brincadeira, ela completou: “se eu deixar vai mais torcedora pros jogos do que jogadora”. Quis contribuir com a arrecadação, afinal não sou jogadora e acompanho o time na condição de pesquisadora, mas Ana recusou dizendo que eu era a convidada da equipe e por isso não deveria me preocupar.

Saímos de Guaianases às 13h30 na van escolar que Ana consegue para os dias de jogo. Algumas meninas viajavam em pé, pois não havia lugares suficientes para todas. Na frente, junto ao motorista, estávamos uma jogadora do time, e eu. As janelas da van nos permitiam ver o caminho percorrido até o Bairro do Carrão - onde aconteceria o jogo -, a paisagem da zona leste paulistana: casas, padarias, cabelereiros, trilhos da linha vermelha do trem, favelas. A jogadora sentada ao meu lado perguntou-me se eu não achava muito feia a favela existente atrás dos campos de futebol onde elas treinavam. Eu sabia que a região é o lugar onde muitas delas moram. Consegui responder com uma constatação e outra pergunta: “É diferente, não é?”. Ela riu da minha resposta e continuamos a viagem rumo ao Carrão.

No caminho, imponente no meio das demais construções, o novo e ainda inacabado estádio do Sport Club Corinthians Paulista. Nesse momento, a mesma jogadora olha para mim e confessa ter ficado muito triste com a morte do operário que trabalhava na construção do estádio, pois o mesmo havia morrido no horário de folga do serviço. Comentou ainda que todo o dinheiro aplicado na construção do estádio teria

sido melhor investido em outras coisas como escolas, casas ou hospitais para a população da zona leste.

Chegamos às 14h na Praça Haroldo Daltro, na Vila Nova Manchester do Bairro Carrão, ainda zona leste, lugar onde ocorreria o primeiro jogo das atletas de Guaianases e as rivais, as jogadoras do Bairro Santana, zona norte de São Paulo. O campo era de terra vermelha, grama, apenas dentro do gol e nas bordas externas do campo. No céu nenhuma nuvem e um sol abrasador a incidir sobre todos os que ali se encontraram para o jogo.



Figura 4: Campo e jogadoras .

No vestiário, minutos antes da partida, a tensão aparecia: “as meninas do Santana treinam todos os dias, olha lá no banco delas, tem o técnico e mais dois assistentes pra dar suporte”, me disse uma jogadora de Guaianases. Enquanto as atletas iam colocando o uniforme, ajeitando as meias, prendendo as caneleiras, calçando as chuteiras, cobrindo os *piercings* com esparadrapo e amarrando os cabelos, Ana fazia um discurso que pregava a confiança, encorajando e incentivando a garra e a determinação das jogadoras: elas deveriam acreditar em si mesmas e concluindo que se a vitória não fosse possível que as atletas não deveriam se deixar abater, pois o time de Santana era um time profissional e cheio de recursos, logo, as atletas deles estavam melhor preparadas para o jogo.

O jogo se deu dois tempos de trinta minutos cada, com descanso de dois minutos concedidos às atletas a cada quinze minutos jogados. Quando perguntei para os organizadores que estavam presentes o porquê dessa configuração eles alegaram que elas não são atletas profissionais para aguentarem um tempo corrido de quarenta e cinco minutos igual ao tempo dos homens. O primeiro tempo transcorreu em um jogo acirrado

e com poucas faltas. Logo no começo do segundo, as jogadoras de Guaianases abriram a marcação em uma cobrança de escanteio, contudo não conseguiram segurar o placar e a equipe de Santana empatou e depois virou o jogo. Ao som do apito final, Paula⁶, a jogadora que cobrou o escanteio e marcou o gol, sentou-se no chão de terra e chorou. Dizia às colegas que ela havia dado o seu melhor e que de alguma maneira sentia-se responsável pela derrota. Ela foi acalentada por algumas jogadoras que diziam “Deus está no comando”.

Voltamos todas para o vestiário. Elas trocaram os uniformes. Embarcamos na van e voltamos para Guaianases.

Amadorismo e Profissionalismo no Futebol Feminino

A antropóloga Jean Williams (2011) utiliza três categorias para definir os estágios profissionais pelos quais o Futebol Feminino Europeu precisa passar até tornar-se uma modalidade de prestígio. O *micro profissionalismo* no qual os indivíduos importantes podem ser identificados – por exemplo, quando reconhecemos por nome determinadas profissionais como Cristiane ou Marta –; o *meso profissionalismo*, momento de criação de maiores oportunidades nacionais e internacionais, através de campeonatos e até a criação da Copa do Mundo Feminina; e o *macro profissionalismo* com uma multiplicidade de competições e torneios internacionais, onde as mulheres possam mostrar seu talento no futebol. Acredito que é preciso pensar nas articulações e nos significados atribuídos às categorias *amador* e *profissional* no Futebol Feminino no Brasil.

Identificamos discursos diversos a todo momento em campo. Neles o significado de *profissionalismo* muda de acordo com quem fala, para quem fala e de onde fala. Num primeiro momento, em conversa informal e apenas comigo, Ana acredita que o Futebol Feminino precisa evoluir muito para ser profissional, pois a modalidade carece de investimentos financeiros e de um verdadeiro interesse, por parte das atletas que já são reconhecidas nacionalmente, em ajudar as que ainda não são. Em outro momento ela reconhece no time do Bairro de Santana um time profissional, pois é uma equipe com maior aparato técnico e as jogadoras são fisicamente mais bem preparadas. Já os organizadores do campeonato financiado pela Prefeitura de São Paulo não viram aquela

6 Identidade da jogadora protegida.

partida como um jogo de atletas profissionais, - nem as atletas de Guaianases e nem as de Santana - e por isso, o tempo de partida não poderia ser dos usuais 45 minutos. As jogadoras, por sua vez, esforçam-se para serem profissionais: comparecem às atividades de treino e de jogos, organizam-se em uma rede solidária que busca a afirmação e a inserção dentro da modalidade.

Se seguirmos os olhares da zona leste sobre o que é ser profissional ou amador, vamos chegar à uma equipe situada no centro da cidade de São Paulo, Bairro Moema. Essa equipe é mantida pela Secretaria dos Esportes de São Paulo e tem por intuito instruir jovens atletas em algumas modalidades, o Futebol Feminino entre elas. A instituição consegue suprir as necessidades primárias existentes na formação de uma atleta de alto rendimento. Ela fornece possuem psicólogos, nutricionistas, preparadores físicos, treinadores específicos para as goleiras. Os treinos, sempre no período vespertino e com duração de duas horas, acontecem da seguinte maneira: as atletas do Sub-13 treinam duas vezes por semana; as do Sub-15 treinam três vezes; já as jogadoras do Sub-17 e Sub-20 treinam quatro vezes e as Profissionais treinam cinco vezes por semana. Contudo a equipe e as atletas que treinam nesse lugar não se autodenominam como profissionais e alegam para isso o fato que as atletas não recebem ajuda de custo para estar ali. Ser profissional, no Futebol Feminino, para os dirigentes da equipe do Bairro de Moema é ser remunerado para jogar bola, mesmo que alguns outros discursos considerem a mesma possuidora de jogadoras de altíssimo nível profissional.

A elasticidade dos conceitos indica que um longo percurso de investigação precisa ser percorrido. Curioso notar que ainda em 2013, as jogadoras de Guaianases e as do Sub-20 da equipe de Moema se enfrentaram em uma partida amistosa, o que evidencia a falta de fronteiras entre o que seja *amador* e *profissional* no Futebol Feminino, pois a rigor, não existiria uma competição equilibrada entre times de categorias distintas. Essas fronteiras tencionam-se, pelo menos nos discursos, porque não estão delimitadas ou fixadas por alguma norma, regulamento ou protocolo. A etnografia trará novas perspectivas que podem direcionar essa discussão.

Referências

FERREIRA ANTUNES, Fátima. "Com brasileiro, não há quem possa!": futebol e

identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp, 2004

FRANZINI, F. “Futebol é coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, nº 50, 2005

MURAD, Mauricio. Para entender: a violência no futebol. Benvirá, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. 2012

RIAL, Carmen S. ““Por que todos os ‘rebeldes’ falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje”. In: CARMO, Renato; MELO, D.; BLANES, R. (orgs.). A globalização no divã. Lisboa: Tinta-da- China, 2009.

_____. “Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior” in Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: ano 14, nº 30, jul/dez 2008.

RODRIGUES, Mário. O negro no futebol brasileiro. 1964

TOLEDO, Luiz Henrique de. Lógicas no Futebol. São Paulo: Hucitec/Fapesp. 2002.

_____. de. “Futebol e Teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002)”. BIB -Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.

_____. Torcidas organizadas de futebol, Campinas, Autores Associados/ Anpocs. 1996

WILLIAMS, Jean. Women’s Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labour Markets. 20 de setembro de 2011